

Homero Moro Martins
UFPR

O intuito de Luiz Henrique de Toledo, nesta obra, é certamente ambicioso: dotado do arsenal teórico de uma disciplina que se notabilizou pelo estudo de grupos demograficamente limitados, ele busca desvendar as lógicas que constituem o que ele denomina “futebol de alto nível”, um “esporte nacional” – esfera comum de sociabilidade de milhões de brasileiros, sejam eles *profissionais* (atletas, técnicos, preparadores físicos etc), *especialistas* (os cronistas esportivos) ou, mais amplamente, *torcedores*. É a partir das relações estabelecidas entre este triângulo de atores que Toledo pretende demonstrar como o futebol ultrapassa oposições presentes em reflexões já feitas por outros autores – tais como lúdico/esporte, amadores/profissionais – para se consistir num amplo plano de *representações* norteadoras de uma dinâmica social bastante arraigada, presente não só nos contextos ritualísticos – as partidas –, mas também no cotidiano.

Frente a um tal desafio, Toledo se apóia na etnografia, demonstrando a riqueza deste que é o recurso de pesquisa de qualquer antropólogo. Quando voltado para o estudo dos *profissionais*, freqüentou como aluno dois cursos de formação de técnicos de futebol, além de acompanhar continuamente a rotina de treinamentos dos grandes clubes de São Paulo. Em relação aos *especialistas*, tomou parte num curso de especialização em jornalismo esportivo. Focando a mais ampla e multifacetada esfera dos *torcedores*, abdicou dos estádios e das consagradas torcidas organizadas – tema de sua dissertação de mestrado – para buscar nos bares um *lugar* de privilegiado dinamismo social em torno do futebol.

Mas um recorte de tamanha amplitude demandava também outros instrumentos de análise, que permitissem ver de que modo o futebol opera a construção de um repertório representacional, mote de contínuo aprimoramento

técnico e tático por parte de *profissionais* e de inesgotável debate tanto para *especialistas* quanto para *torcedores*. Dessa forma, Toledo lança mão de breves análises históricas a respeito de variadas e importantes questões, como a evolução dos fundamentos do jogo – regras e esquemas táticos –, o nascimento da crônica esportiva e suas conflituosas maneiras de construir os fatos futebolísticos, ou mesmo sobre o próprio torcedor, desde as torcidas uniformizadas da década de 40 até as mais diversas modalidades verificáveis no presente.

Observemos, primeiramente, o desenrolar histórico dos esquemas de jogo. As transformações dadas nos fundamentos do futebol mostraram-se essenciais para que se desenvolvessem, ao longo do tempo, os chamados *padrões* de jogo. A partir dos manuais técnicos do começo do século XX, as regras e os esquemas táticos consagrados do futebol europeu tornam-se mais disseminados entre as elites praticantes no Brasil. Almejava-se aí “(...) a ampliação de um conhecimento e de uma prática mais universalizados sobre o esporte” (p. 34). Não obstante, as diferentes apropriações locais destas regras e esquemas, assim como de uma determinada “etiqueta” esportiva, também seriam fundamentais na criação de diferentes *estilos* e *escolas* de jogo, elemento crucial na alta *imponderabilidade* no futebol.

“Portanto, *formas* e *padrões* de jogo não constam das regras. Tais disposições dos jogadores em campo foram constrangidas e fixadas (...) também pelas inúmeras intervenções que dizem respeito aos preparos e treinamentos dos jogadores, bem como à valorização simbólica de certas qualidades físicas e atitudes morais que maximizam ou minimizam condutas e preferências em campo e que não dizem respeito somente às questões quantificáveis e técnicas” (p. 61).

Desta forma, acompanhando a evolução dos clássicos esquemas táticos, expressos através de uma fórmula numérica (2-3-5, 4-2-4, 4-3-3 etc), há o que Toledo qualifica como uma “terceira natureza” designada sob o conceito de *forma-representação*, que não identifica apenas um esquema tático, mas também a presença de características locais na execução e fruição do jogo (um estilo “carioca” ou gaúcho”, mais localmente, ou mesmo “sul-americano” ou “europeu”, em nível mundial).

É através dos treinamentos e de cursos de formação e especialização para treinadores que o chamado “futebol de alto nível” procura continuamente aprimorar a eficácia de seus esquemas táticos. Congruentes com um ideal de “modernização” da administração esportiva, os cursos que serviram de campo a Toledo revelam uma renovada ênfase em novos métodos de treinamento, científicos, desenvolvidos de modo a otimizar a capacidade físico-técnica dos atletas. Deste processo participam não só treinadores e jogadores, mas também atores cada vez mais destacados no cenário do futebol contemporâneo, como preparadores físicos e fisiologistas. Acompanha este processo também a proliferação dos centros de treinamento (CTs), espaços construídos pelos clubes

especialmente para a performance cotidiana dos jogadores, momento em que as técnicas de treinamento aliam-se à busca pela consolidação de um padrão de jogo. Ou seja, mais do que se opor ao jogo enquanto esfera cotidiana – como na máxima de Didi, “treino é treino, jogo é jogo” –, os treinamentos, dentro da nova configuração do futebol “moderno”, revelam-se como instância referencial e contínua ao rito máximo, que é a partida. “O espaço de treinamentos, não mais com as conotações lúdicas e mesmo pejorativas implícitas, mas como uma continuidade necessária à manutenção do espírito competitivo, adquiriu valorização crescente no Brasil” (p. 131).

De forma análoga desenvolve-se a crônica esportiva brasileira, os *especialistas* da bola, divididos que eram, no seu princípio, por contendias bairristas (crônica carioca contra crônica paulista), nas quais também estavam abarcados diferentes *estilos* de narrativa – as crônicas apaixonadas dos irmãos Rodrigues contra as análises técnicas de Max Valetim, por exemplo. Aqui, como no aprimoramento das *formas-representações* por parte dos *profissionais*, se faz presente a disputa por um discurso hegemônico em torno do futebol, discurso este muitas vezes marcado por forte “sotaque” bairrista ou clubista. Contudo, encaminha-se ao mesmo tempo a demanda por um jornalismo esportivo mais “sério”, imparcial, congruente com o momento de reforma gerencial do futebol.

Produtores do “fato” esportivo – mais especificamente aqui, futebolístico – os *especialistas* exercem um papel mediador entre *profissionais* e *torcedores*. Longe de se ater às informações referentes ao *rito* da partida, a imprensa esportiva há muito cobre também a rotina de treinamento dos clubes de maior torcida. Para tanto desenvolve um sem número de estratégias de construção da notícia, embasadas em diferentes *estilos* de reportagem, narração ou comentário. “De que valeria cobrir um treino mostrando somente as rotinas físicas e técnicas, sem um texto ou imagem que transcendesse tais atividades? Daí o tratamento necessariamente jocoso dado às matérias diaristas, expediente socialmente valorizado nas coberturas esportivas brasileiras” (p. 197).

Se na cobertura dos treinos é papel do repórter explorar o inusitado, na transmissão das partidas ficam para o narrador e o comentarista os principais papéis, que são a criação de uma *leitura* do jogo, carregada de emoção, que vá ao encontro das expectativas torcedoras. “O narrador está ali para manter, disciplinar, e, se possível, ampliar os níveis de tensão e emoção da partida em si, como se conclamasse a cada instante os torcedores para observarem a sucessão de jogadas” (p. 201), enquanto o comentarista traz os acontecimentos para uma análise com base nas regras e fundamentos táticos consagrados sobre o jogo.

Por fim, há ainda as populares “mesas-redondas”, lugar onde *especialistas* e *profissionais* têm a chance de compartilhar, à vista de centenas de milhares de torcedores, suas visões e críticas sobre os padrões e performances do jogo. “Ali [nas mesas-redondas], reorganiza-se um outro *lôcus simbólico* importante, de especulações e reflexões entre os *profissionais* (...), mas sobretudo de domínio dos *especialistas*. (...) discussão que remete às *formas-*

representações do futebol” (p. 209). Esta discussão engendra uma formidável dinâmica simbólica entre *torcedores*, na medida em que lhes fornece um parâmetro discursivo para a reorganização e perpetuação do debate em torno dos fatos futebolísticos:

“fórmula de programa esportivo dominical, (...) as *mesas-redondas* (...) reproduzem uma dinâmica que, de modo geral, apreendem (sic) os significados em torno do repertório de *formas-representações* desejáveis, reagrupando e mesclando estes atores, a princípio divididos em *torcedores*, *especialistas* e *profissionais*, em configurações identitárias à procura das melhores *formas* deste jogar” (p. 218).

Voltando-se enfim para os torcedores, Toledo resgata algumas das formas do torcer consagradas ao longo do tempo, passando pelas primeiras “assistências” populares das décadas de 20 e 30, a chegada de modos mais coletivizados e normatizados do torcer – as torcidas uniformizadas das décadas de 40 e 50 – e o eclodir das polêmicas torcidas organizadas, a partir do final da década de 60. A respeito destas, Toledo debate com Alba Zaluar e sugere que estas agremiações, apesar da aparente coletividade, incentivam um público muito jovem a exercer um comportamento extremamente competitivo e individualista. “As ações transgressoras entre torcedores (...) indicam um processo, se não de esgotamento, ao menos de impasses e crises na formação de identidades coletivas neste contexto de recuo da sensibilidade participativa dos agrupamentos populares ante novos contextos sociais” (p. 240).

É opinião quase que unânime, entre *profissionais*, *especialistas* e mesmo entre boa parte dos torcedores, a incongruência deste comportamento torcedor tido como desviante frente à nova postura administrativa assumida e pretendida pelo futebol profissional na atualidade. Deste modo, os clubes vêm buscando reformular as formas do torcer, no intuito de “promover os torcedores a consumidores” (p. 244). Daí o investimento de diversos clubes na figura do “sócio-torcedor”, que possibilita não só a continuidade do vínculo torcedor, mas também o saneamento financeiro das equipes.

Para além dos estádios, Toledo vai buscar nos bares um lugar de destacada sociabilidade torcedora. Esta sociabilidade se exerce pelo *distanciamento*, pela alusão e exacerbação do debate, pois é no bar que os torcedores, “quando adversos aos times dos ‘colegas’ ou ‘chegados’, estimulam a lógica das relações jocosas da esfera da afinidade, transformando-os em ‘estranhos’ ou ‘inimigos potenciais’ para poder ‘tirar-lhes um sarro’, provocando e prolongando o debate” (p. 251). Tem-se nos bares, portanto, a continuidade torcedora das mesas-redondas, um *lôcus* extremamente representativo da configuração, por parte dos torcedores, de um “futebol falado”, lido, discutido e hierarquizado tanto a partir de suas rivalidades históricas quanto de suas *formas-representações*:

“(...) para além de um *hobby* ou espetáculo, as intermináveis e aparentemente infrutíferas discussões cotidianas em torno do futebol consolidam saberes específicos e compartilhados, seja no âmbito dos fundamentos técnicos exaustivamente treinados e executados pelos *profissionais*, nas sensibilidades vivenciadas no *torcer* e/ou *enxergar* um jogo do ponto de vista torcedor, ou nas polémicas deflagradas nas coberturas diaristas, nas rádios, nas mesas-redondas, enfim, destinadas às teorizações dos *especialistas*” (p. 283).

Dá a ambição do recorte de Toledo ter seu mérito, na medida em que o futebol, como representação, só pode ser compreendido a partir de uma gama vasta de atores imbricados e dinamicamente relacionados na permanente construção de fatos, rotineiros ou ritualísticos, debatidos e compartilhados. À falta de total coesão, ganha-se na compreensão geral das lógicas de um objeto não-espacial, atemporal, prova da possibilidade da Antropologia negociar com seus próprios limites.

Homero Moro Martins é bacharel em
Ciências Sociais pela UFPR.